

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PRÁTICA DE ENSINO:
UMA LEITURA SOCIOLINGUÍSTICA**

Junia Lorena da Silva (UnB)

Resumo

A partir dos pressupostos teórico-práticos com os quais pude ter contato ao longo de minha formação acadêmica, relato grande parte do que pude lecionar em trinta horas de estágio obrigatório. A problematização da qualidade do ensino público no Brasil se faz necessária. No ano de 2010, na capital do Brasil, Brasília, vê-se que a escola perde, cada vez mais, seu papel social, e que o ensino de língua portuguesa não atinge as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (PCN+): “O ensino de língua materna deve propiciar ao aluno o desenvolvimento de competências fundamentais: falar, ouvir, ler e escrever”. A sociolinguística pode contribuir para a propagação de uma nova postura frente à língua que se fala e seu ensino. O professor lida com alunos que estão desencantados com o aprendizado e que são pouquíssimo estimulados, não só pelos professores, mas pelos pais e pela sociedade em geral. São marginalizados, desprestigiados e carentes. Cabe perguntar até que ponto a escola forma cidadãos capazes de desenvolver essas atividades. Ensinar a gramática da língua materna é uma tarefa que suscita muitos questionamentos. Os alunos têm para si que saber português é escrever corretamente. E, tomando questões polêmicas como ponto de partida, gera-se conhecimento na exposição de idéias e na reflexão acerca do conhecimento de língua que os alunos todos já possuem. Compõe-se, este trabalho, de reflexões teóricas acerca da prática educativa partindo da análise e descrição de dados conseguidos ao longo das horas passadas com a turma e de comentários em caráter de conclusão de tudo que foi vivenciado nesta experiência.

Pressupostos teóricos

De acordo com o linguista francês Ferdinand Saussure¹, a linguagem é a faculdade natural que permite ao homem constituir uma língua, e a língua é o produto social da faculdade da linguagem. Émile Benveniste², também linguista, afirma que a

¹ SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Linguística Geral. 3ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

² BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral. São Paulo: EDUSP, 1976.

língua é a manifestação concreta da faculdade humana da linguagem, isto é, da faculdade humana de simbolizar. O que a escola pretende ensinar não é a linguagem e nem a língua ao indivíduo, e sim alguns aspectos dessa mesma língua, que já é, em grande parte, dominada pelo aluno ao ingressar na escola.

A sociolinguística pode contribuir para a propagação de uma nova postura frente à língua que se fala e seu ensino. O indivíduo letrado envolve-se cotidianamente nas práticas sociais de leitura e de escrita, o que, obviamente, altera sua condição do ponto de vista sociocultural, político, linguístico e econômico dando-lhe possibilidade de plena participação social. É por meio da leitura (no seu sentido mais amplo) que o homem tem acesso à informação, defende seus pontos de vista e partilha dos bens culturais que a sociedade considera legítimos, podendo exercer, assim, a cidadania.

O professor deve comprometer-se com o sucesso da aprendizagem dos alunos. O bom professor é aquele que consegue transmitir com clareza o conteúdo e que leva o aluno não só a absorvê-lo, mas a aprender a refletir sobre sua competência discursiva. O professor deve assumir a diversidade existente entre alunos e saber lidar com ela dentro de sala. Respeitando as características de cada um, bem como levando seu aluno a respeitar o outro, com suas diferenças e peculiaridades, tornará a sala de aula um ambiente que refletirá as relações sociais que o jovem estabelecerá no futuro.

É preciso considerar que há falas mais monitoradas e falas menos monitoradas. Isso evitaria o uso constante do termo “erro”. O uso de uma forma de falar, ou de escrever, dependerá da situação na qual nos encontramos. A gramática da norma padrão deve ser ensinada de maneira reflexiva, inserida em contextos discursivos, possibilitando ao aluno dominá-la e permitindo-lhe desenvolver a capacidade de monitorar seu estilo de fala.

A modalidade oral precisa ser estudada em sala de aula. Como o prestígio sempre pertenceu à modalidade escrita, os alunos encaram que o texto oral precisa se equiparar à escrita. É preciso ensinar que não há uma fala certa e uma fala errada e não há língua ou variedade melhor ou pior que outra. Todas as variedades devem ser valorizadas na escola.

O objetivo do ensino de língua portuguesa não é ensinar uma língua que o aluno desconhece, e sim ampliar os usos do português e perseguir a capacidade de expressão oral, de refletir sobre a língua, de leitura e de produzir textos. É necessário ter na consciência que a língua é um fator interacional e dinâmico. O principal objetivo das

aulas de língua portuguesa é a ampliação da competência comunicativa, na modalidade oral e na modalidade escrita.

Ler não é a mera decodificação de um texto, mas a apreensão do seu sentido e de sua coerência interna. Ler é fazer uma leitura objetiva, inferencial e avaliativa e possibilita plena participação social e acesso à informação. Ler o mundo é a chave da questão. A leitura nos abre um mundo de informações e desenvolve as habilidades cognitivas. Controlar conscientemente o processo da mente significa que, quanto maior for o nível de proficiência na leitura, maior será a probabilidade de desenvolvimento do pensamento reflexivo, segundo Lucília Garcez³. Para que isso aconteça, é preciso se ter um ensino reflexivo da norma padrão.

Os alunos, principalmente os oriundos das camadas sociais mais pobres, têm uma baixa auto-estima, que, muitas vezes, é mantida ou até reforçada na escola. É preciso valorizar a cultura de seus alunos, respeitar suas diferenças e promover situações em que eles aprendam a respeitar também as diferenças dos outros.

É preciso criar uma atmosfera positiva e de estímulo entre o professor e o aluno. O professor tem o poder de outorgar ao aluno a possibilidade de ele também construir seus saberes e, mais do que isso, deve valorizá-los e levá-los para a escola.

Descrição da prática

A prática educativa foi muito divertida. A turma era composta somente de alunos repetentes. Era preciso lidar com cuidado e de uma forma diferente, pois a turma tinha características singulares. Primeiramente, em minhas aulas, procurei seguir o cronograma já feito, porém não me desesperava quando a aula tomava rumos que eu não tinha planejado. O professor deve estar atento a essas questões de flexibilidade com relação aos rumos que a aula pode tomar dependendo do grupo de alunos para quem estiver lecionando.

Os alunos me permitiram desenvolver rápidas reflexões acerca das questões de língua portuguesa de maneira participativa e colaborativa. É claro que nem todos eles se mostravam interessados, mas, ao longo das aulas, eu sempre procurava uma maneira de inseri-los nos debates e nos assuntos discutidos.

³ GARCEZ, Lucília. O que se precisa saber para bem escrever.

Durante os encontros que tivemos, os alunos se interessavam pela minha trajetória estudantil, minha vida secular, meus objetivos de vida e no porquê de eu estar querendo ser professora. Isso é ótimo, pois cria um laço de amizade entre professor e aluno.

Dentre os temas trabalhados, estudamos os elementos da comunicação, as funções da linguagem, texto literário e não-literário, teoria literária, os gêneros textuais, o novo acordo ortográfico, ortografia, casos de gramática textual, Trovadorismo, linguagem, comunicação e interação.

Utilizei o livro didático, data show, tirinhas, textos diversos e também alguns vídeos do *youtube*. As reflexões eram baseadas no conhecimento dos alunos, não tendo nenhum suporte na modalidade escrita da língua. Ora me baseei no livro didático e ora em textos escritos, ora apenas nos relatos e cooperação dos alunos acerca do tema e ora em exposição esquemática no quadro branco.

Os alunos não me desrespeitaram em nenhum momento. Algumas vezes estavam distraídos e sonolentos, mas isso não os impedia de prestarem o mínimo de atenção suficiente para que entendessem o que eu estava dizendo. Acredito que a base do nosso bom relacionamento foi o bom humor. Caso um deles chegasse atrasado, era preciso dizer o motivo real do seu atraso ou inventar uma história convincente, mesmo que mentirosa. O único objetivo disso era ver o aluno desenvolver ali, rapidamente, uma habilidade na modalidade oral da língua.

Algumas vezes, quando os alunos não me deixavam terminar a fala, ficava desconfortável, mas, com uma postura sempre jovem, resgatava a atenção deles.

O uso de textos de diversos gêneros foi algo que deu certo. Apesar de os alunos não se mostrarem interessados pela leitura do texto, a maioria acabava percebendo que era, realmente, um texto interessante e que fazia alusões a fatos que eles conheciam e sobre os quais gostariam de expressar suas opiniões. Os comentários após a leitura dos textos em sala sempre eram pertinentes.

Não surtiu o efeito desejado a exposição de temas no quadro. Os alunos permaneciam muito calados quando eu fazia qualquer tipo de indagação a eles testando o canal. Adotavam uma postura de aceitação e, por não participarem da construção do conhecimento, acredito que não absorviam o que estava sendo ministrado.

Com base em textos, mesmo que os alunos não tenham desenvolvido nada escrito, houve reflexão acerca de elementos gramaticais encontrados, elementos

textuais, contextuais, intertextuais. Pudemos falar sobre literatura contemporânea, figuras de linguagem, modalidade oral e modalidade escrita.

Os alunos têm para si que saber português é escrever corretamente. E, tomando questões polêmicas como ponto de partida, nós podíamos gerar conhecimento apenas na exposição de ideias, gerando uma reflexão acerca do conhecimento de língua que os alunos todos já possuem e também acerca de questões meramente arbitrárias da língua.

Considerações finais

A discussão acerca do ensino público no Brasil incomoda. Apesar de haver muitos incentivos governamentais para que as escolas públicas do país sejam cada vez melhores, deveriam ser investidos muito mais do que simplesmente recursos financeiros.

Nessas trinta horas de estágio obrigatório, pude constatar mais uma vez que a educação é o cerne da constituição do ser humano e, por isso, tem de ser realizada com afinco. O professor tem uma tarefa árdua mesmo, este é o desígnio da profissão. Lida com alunos que estão desencantados com o aprendizado e pouquíssimo estimulados em casa, na escola e na comunidade. Muitos deles são marginalizados, desprestigiados e carentes.

O professor tem a função de cooperar para o crescimento e desenvolvimento do país. Esta é sua missão maior. Se o país não valoriza este profissional, é necessário que ele saiba o valor que tem. Fico triste por saber da enorme quantidade de profissionais que são infelizes com a escolha feita pelo magistério e, por serem infelizes, acabam tornando seus alunos infelizes.

Esta experiência contribuiu muito para que eu desenvolvesse uma melhor consciência da realidade da sala de aula e uma maneira particular de desenvolver trabalhos com uma turma de adolescentes. Com base neste pequeno período de contato, grande parte do que foi visto em disciplinas na Universidade de Brasília pôde ser constatado na prática. Para minha futura prática em sala de aula, vou me lembrar (ou lembrar-me-ei) das estratégias desenvolvidas que surtiram efeito e as que devo abolir para uma sempre constante melhora da prática educativa.

Referências Bibliográficas

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Editora Ática, 1993.

BORTONE, Márcia Elizabeth e MARTINS, Cátia Regina Braga. *A construção da leitura e da escrita – do 6º ao 9º ano de ensino fundamental.*

ILARI, Rodolfo. *A linguística e o ensino de língua portuguesa.* 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Parâmetros Curriculares Ensino Médio: PCN +. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.